

Apêndice B

Retrato auto-biográfico

Eu sou Regina, nasci em 07/10/1969, mesmo ano em que o homem pisou na lua – prenúncio de um novo tempo. Meu pai cursava o “madureza”, imigrante português, trabalhador do setor administrativo de empresas sonhava em ascender na carreira. Minha mãe operária de linha de produção, cursou a escola apenas até a quarta série, pediu demissão como era tradição entre as mulheres que se casavam e ficavam grávidas – destino premeditado, seriam rainhas do lar.

Frequentei a pré-escola no Parque Infantil da Vila dos Remédios. Com seis anos completos ingressei no primeiro ano do Primeiro Grau, no colégio dos padres da Vila dos Remédios, o ano era 1976. Minha vida era dividida entre ir para a escola, brincar no quintal, fazer lição de casa e assistir a “Vila Sésamo”, na antiga TV - preto e branco - de casa.

Em 1977, minha família mudou-se para outro bairro do município de Osasco, na periferia da zona sul, ficava o Jardim Santo Antonio. Meu pai comprara uma casa construída por uma companhia que loteou a rua inteira; de um lado ficava a escola estadual do outro uma fileira de casas parecidíssimas que aos poucos os moradores imprimiram suas marcas.

Continuei na mesma escola até o final do ano. Minha mãe dava aula de cabeleireira e manicure no “Clube de Mães” em espaço cedido pela paróquia do bairro, patrocinado pela prefeitura de São Paulo, íamos juntas para o colégio. Eram dois ônibus um até o centro de Osasco, lotadíssimo, outro até a Vila dos Remédios. No ano seguinte, minha mãe me transferiu para a escola de frente a minha casa: a Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim Santo Antonio. A escola passava a ter quatro turnos abandonando os terríveis cinco turnos em que funcionava. Eu estudava no período intermediário das 11 às 15 horas, na tranqüila terceira série G. Nunca entendi como a professora conseguiu, certa vez, ficar com a classe durante todo o período sentada em sua mesa apenas conversando e todos os alunos quietos ouvindo a explicação de que todos estavam fazendo uma “greve branca” e que aquilo era muito importante. Em 1979, o nome da escola mudou para Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Newton Espírito Santo Ayres. Eu não gostei do nome, perdeu a graça, como gritar nosso grito de torcida “Tonhão!”, se o nome da escola era outro.

Quinta série, os boatos antecediam a entrada dos professores... o medo superava a compreensão... Um professor atrás do outro, não havia tempo para copiar a lição. Usar lápis... nem pensar! Isso é coisa de criancinha, “prova a lápis não será corrigida!”

Lembro-me da professora de Estudos Sociais da sexta série, tão doce, tão calma, tão inteligente! Certo dia, comunicou-nos, não poderia dar mais as nossas aulas, um novo professor viria, ele era concursado e como era habilitado em história e geografia poderia escolher qualquer sala para trabalhar e escolheu exatamente a minha.

A escola oferecia um curso de datilografia. Havia uma sala com cerca de vinte máquinas de escrever preparadas para o curso: o teclado era colorido e não trazia os signos (letras, números, sinais), cada cor correspondia a um dedo da mão. A partir da sétima série os alunos podiam se inscrever para o curso, depois saía uma lista com o horário das aulas. Tenho o certificado desse curso: o curso profissionalizante de datilografia.

Terminado o 1º Grau, o que fazer? Muitas meninas e meninos da turma pararam por aí. Muitas casaram. Eu queria fazer computação, mas fui avisada que meu curso não poderia ser custeado por meus pais. Me candidatei ao concorridíssimo curso de 2º Grau da Fundação Bradesco – técnico em processamento de dados. No entanto, uma das prerrogativas essenciais para conseguir uma vaga nessa instituição de ensino, era ter um parente que lá trabalhasse. Eu não tinha ninguém.

Onde fazer o 2º Grau? Minha colega se inscreveu para fazer o Magistério, fui junto. Não tinha o sonho de ser professora, não gostava de crianças, mas gostava de saber, de conhecer as coisas. No meu entender um professor tinha que saber muitas coisas e porque não, ajudar os outros também a saber, a entender, a conhecer.

Na inscrição foram horas e horas de espera na fila para me inscrever no curso, as pessoas que atendiam eram ríspidas, não explicavam muito, queriam que a ficha fosse preenchida rapidamente, a fila continuava longa.

Exame marcado à noite. Dizem que “a primeira impressão é a que fica”, no entanto, quando lá cheguei, minha percepção não gostou do que viu. Era noite, as luzes amarelas mal iluminavam os longos corredores, uma multidão de pretendentes a estudantes da escola, perdidos. O que eu estava fazendo ali? O ano era 1983, me candidatara a uma vaga para o curso de Habilitação Específica para o Magistério de 1º. Grau (para os mais íntimos, Magistério) e como a demanda era muito superior ao número de vagas, era preciso prestar um concurso de seleção: o chamado “Vestibulinho”. Passei e, apesar da primeira impressão, não tinha outra alternativa, já que as agruras da vida me impediam de estudar em uma escola particular.

Aos poucos fui me adaptando ao lugar. O curso era exigente, visitávamos espaços culturais na cidade de São Paulo; passávamos os sábados em bibliotecas públicas pesquisando

temas de trabalhos. As aulas, os estágios, os eventos nos envolviam e aos poucos nos identificávamos com a escola. Que escola era essa?

Entrei na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Antonio Raposo Tavares” – antigo CENEART, estudei no primeiro XII, sala 27, última classe do período da tarde na última sala do prédio anexo. O primeiro ano era, teoricamente, básico. A cada professor que entrava, a pergunta era a mesma: Porque você escolheu o magistério? ... Porque eu escolhi o magistério? Eu escolhi? A resposta quase unânime “...eu gosto de crianças e com o magistério poderei lidar com elas...” E eu? Se eu falasse que não gostasse de crianças... seria terrível! Minha resposta foi igual a das outras: “...gosto de crianças...”. Era menos complicado exigiria menos ou nenhuma explicação.

Surpresa!!! Como vocês escolheram seguir a carreira do magistério, vão trabalhar com crianças então, o conteúdo das matérias será direcionado para crianças. Como assim? O que isso quer dizer?? Ora, que as matérias do núcleo comum não terão o mesmo conteúdo de uma classe do 2º Grau regular, terão uma abordagem mais simples, afinal para trabalhar com criancinhas não precisamos saber fórmulas de química ou de física. Mas... e o vestibular? Vestibular! Esse curso prepara para o mercado de trabalho, quem quiser fazer o vestibular vai ter que estudar por fora.

Algumas alunas começaram a pressionar os professores para que fossem trabalhados conteúdos mais aprofundados, mas não era o grupo soberano, tinha a turma que estava fugindo das matérias do campo das exatas, era a turma do “...deixa disso, para que complicar?”. O professor de física ficou mobilizado, num canto da lousa explicava para quem estivesse interessado a matéria que dava para a turma comum, mas não cobrava em provas. Ele dizia assim; “Olha essa parte que acabei de explicar é para a prova, façam os exercícios para serem corrigidos na próxima aula, agora isso aqui é para quem quiser saber um pouco mais...”

A professora de matemática jamais entrava na sala – estava fazendo o horário de aulas da escola. Havia uma senhora em nossa turma, apesar de mais velha, rapidamente nos juntamos a ela, era nossa conselheira. Ela propôs que conversássemos com a direção, afinal até quando o horário seria feito? A professora alegou que a turma era culpada, cabulávamos a aula dela. Curiosamente, todas as aulas de matemática eram a última como a professora não estava na escola, éramos dispensadas.

Essa alegação da professora caiu como desafio para a turma: “Como assim? Estamos sem aula e somos culpadas?” A sala se uniu, não íamos embora, ficávamos na sala esperando, no final da aula íamos todas na sala da diretora, a sala inteira entrava, formava aquele

tumulto: “Viemos ter aula de matemática!”. Fizemos isso durante um mês inteiro, ameaçamos chamar a televisão. Na época, a escola tinha passado por um escândalo que se transformou em manchete de programas de final da tarde na televisão, era um caso de um professor da noite que teria ficado sozinho com uma aluna na sala. A diretora não agüentou a pressão, contratou uma professora pela APM, isso foi quase no final do ano, mas conseguimos uma grande vitória: a professora vinha a tarde, nas últimas aulas só por causa de nossa turma. Isso uniu o grupo.

No segundo ano passamos para o período da manhã, tirando aquelas que foram reprovadas, a turma permaneceu basicamente a mesma, apareceram três rapazes que foram transferidos para o curso. Agora iniciávamos o curso propriamente dito: psicologia da educação, didática e os estágios. Esses eram causadores de grandes angústias: existia uma lista de coisas que não poderíamos fazer, mas quando perguntávamos o que fazer, aparecia o velho discurso utilizado durante todo o curso: “... vocês querem receitas, querem que eu diga o que tem que fazer, não existe receita para a sala de aula, vocês tem que descobrir sozinhas...”.

A professora de estágio passou uma lista de lugares a visitar. Como? “Se virem!”. A turma combinava, dia tal, hora tal, em tal lugar – vamos juntos: “Museu do Ipiranga”; “Circuito Cultural”; “Casa do Bandeirante”. Tinha que fazer relatório, copiávamos tudo. O “Museu do Ipiranga” foi um horror, cada uma ficou com uma sala para copiar os cartões. Depois juntamos tudo, tudo datilografado (ainda bem que fiz datilografia!). Não era isso que a professora queria, tanto trabalho para nada. Realmente, éramos muito ingênuas e bobocas, para quê uma lista do acervo em exposição do museu, a professora queria um relatório da visita, mas não explicou como se fazia um relatório (isso fazia parte das receitas que não eram dadas).

Junto com os estágios veio uma infinidade de coisas a serem confeccionadas a primeira foi a pasta de datas comemorativas, deveríamos descobrir quais eram as principais datas comemoradas durante o ano, fazer um desenho e criar uma atividade prática para aquela comemoração. Depois veio o quadro de pregas, o flanelógrafo e o álbum seriado. Para cada um, criar uma atividade em que o material fosse usado e demonstrar para a classe. Os meninos não agüentaram tanto desenho, recorte e colagem e sumiram do mapa.

As visitas às salas de aula de primeira a quarta série eram precedidas de um longo sermão: falar educadamente com a professora da classe, solicitar a permissão para fazer o estágio de observação (só entraríamos na classe, se a professora permitisse), sentar em uma cadeira só depois que todos os alunos estivessem acomodados, aguardar que a professora

indicasse onde deveríamos ficar, sentar corretamente, manter a postura, jamais bocejar em sala, nem chupar balas ou mascar chicletes, usar roupas decentes, arrumadas e limpas, nunca interferir na aula mesmo que visse um absurdo, não conversar com os alunos sob nenhuma hipótese, aguardar que a professora pedisse alguma tarefa.

As professoras não gostavam de receber estagiárias, às vezes tínhamos que voltar outro dia, outras vezes, parecia que a professora tinha guardado todas as matrizes para que ficássemos o período inteiro rodando atividades no mimeógrafo para ela. Nas principais comemorações: dia das mães, dos pais e das crianças, nós íamos às salas para fazer as atividades com as crianças, o material para confeccionar as lembrancinhas saía do nosso bolso, arrecadado com as “vaquinhas” na sala, pois nós éramos divididas em grupo e cada um ficava com uma sala, todas as salas faziam a mesma lembrancinha, algumas coisas eram solicitadas para que as crianças trouxessem, mas nenhuma criança poderia ficar sem fazer a tal lembrancinha por falta de material.

No terceiro ano, os estágios foram intensificados, fazíamos um dia na escola para orientação da professora que explicava assuntos que não eram dados nas aulas da manhã. Visitamos a escola montessoriana que era muito diferente da realidade da escola pública. Agora, não fazíamos estágios nas salas de 1^a. a 4^a. da escola, recebíamos uma carta de apresentação e procurávamos alguma escola estadual para fazer os estágios de observação e participação. Tínhamos que fazer o mesmo tanto de horas na primeira, na segunda, na terceira e na quarta séries. O maior drama era quando chegávamos na escola e uma professora tinha faltado, a direção solicitava que ficássemos na sala, mas não dava nenhuma orientação. Nós por outro lado, não tínhamos nada pensado ou planejado para fazer com as crianças, às vezes um professor da classe vizinha ajudava, dava algumas dicas, dizia os horários de recreio, mas na maioria das vezes ficávamos sozinha, rezando para que nada de ruim acontecesse. Quando pedíamos orientações para a professora de estágio, vinha a resposta: “você quer receita, podem esquecer... não vou dar receitas sobre o que fazer...”.

Outro fato que me lembro em relação ao terceiro ano e que me marcou muito, foi a professora de didática da minha sala estar de licença gestante (aliás a professora de didática não era a professora de estágio e isso, às vezes, gerava conflitos). A professora que a substituiu era nova na escola e não participava do grupo das professoras mais antigas, ela ficou os dois primeiros bimestres conosco e trabalhou apenas com a confecção de um livro para o período preparatório, antes da alfabetização. Quando a professora titular voltou no terceiro bimestre, disse que a professora não tinha trabalhado o conteúdo correto, que nós deveríamos ter visto no primeiro e segundo bimestre o conteúdo para a primeira e segunda

série e que naquele momento em diante, teríamos os conteúdos de terceira e quarta séries. A turma não contestou porque consideramos que precisávamos daquilo também, no entanto, o que aconteceu? A professora dividiu a classe em grupos e cada grupo ficou responsável por apresentar um conteúdo. Meu grupo ficou com as quatro operações, usamos o quadro de pregas para explicar as classes numéricas: unidades, dezenas e centenas; usamos um ábaco adaptado no quadro de pregas para explicar a adição e a subtração. Eu fiquei com a divisão e tinha que explicar o método americano de resolução. O que estava na apostila, eu não entendi. Conversei com todas as professoras do estágio para tentar entender, de todas as professoras que perguntei, todas disseram que não sabiam. Finalmente, conversei com uma vizinha que dava aulas pela prefeitura de São Paulo, ela me explicou o método, mas teceu duras críticas. Quando apresentei o método, mal compreendido, para a sala, coloquei as críticas da professora. A professora de didática não disse nada, concordou com o que falei e ficou por isso mesmo.

Nessa mesma época ocorreu uma semana de seminários e todas as escolas que possuíam magistério na cidade participaram, descobrimos um material elaborado pelo pessoal da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco que abordava todos esses métodos e o uso de materiais concretos como o material montessoriano (material dourado), a escala cuisenaire, discos de frações, etc. Conversando com as alunas e a professora dessa fundação, a nossa colega (que era mais velha), conseguiu que fizéssemos uma oficina com elas, marcamos dia e horário, aprendemos muito (finalmente entendi o método americano que se adequava perfeitamente ao material dourado) não pagamos nada, nem sei se as nossas professoras ficaram sabendo: estávamos procurando em outros lugares aquilo que o curso não fornecia.

Enfim, no terceiro ano ficamos sem os conteúdos de primeira e segunda série, aquilo que considerávamos muito importante, a alfabetização. O quarto ano era dedicado a pré-escola, infelizmente minha classe foi pulverizada nas outras classes, mas eu fiquei com boa parte da turma. Quando a professora de didática apareceu, disse que íamos nos dedicar ao período preparatório, a pré-alfabetização. Ora, isso já tínhamos tido, faltava a alfabetização. Conversamos com o restante da classe, elas tinham visto alguma coisa, mas não estavam seguras, seria importante rever. Muito bem, na próxima aula pedimos para conversar com a professora, explicamos o caso: não tínhamos visto nada de alfabetização e que aquilo era importante, porque seríamos professoras alfabetizadoras. Sabíamos que não era conteúdo do quarto ano, mas devido as nossas deficiências pedimos que ela trabalhasse pelo menos um bimestre com alfabetização. A resposta foi imediata: não. Se nós não tivemos o conteúdo aquilo não era problema dela, no quarto ano deveria e seria trabalhado pré-escola.

A impressão que eu tenho hoje, é que aqueles professores também não sabiam, escondiam-se no discurso para que não percebêssemos a sua incapacidade. Saí do magistério com uma porção de “nãos”: não pode isso, não pode aquilo. Diante de tantas incertezas, tracei o meu caminho: para superar as enormes lacunas só havia uma saída, fazer Pedagogia.

No ano seguinte, me inscrevi na atribuição de aulas do estado e comecei dar aulas para uma classe de ciclo básico, ao mesmo tempo entrava na faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Na faculdade tive aprofundamento teórico muito importante para minha formação, mas não me ajudava na atuação de sala de aula.

No ano seguinte, prestei concurso para a prefeitura de Osasco e passei atuar na Educação Infantil, onde estou até hoje. Na rede estadual, prestei concurso para professor de primeira a quarta série, trabalhei por quase dois anos não me adaptei e me exonerei.

Depois que terminei a faculdade, prestei concurso novamente para professor III e passei a trabalhar como professora efetiva na Habilitação Específica para o Magistério. Comecei no curso noturno, fiquei dois anos, foram turmas maravilhosas. Eram adolescentes e senhoras que possuíam uma terrível defasagem escolar, a maioria tinha saído do supletivo e trabalhavam de domésticas a enfermeiras. Apesar das dificuldades, elas possuíam uma vontade de aprender que jamais encontrei em qualquer outra turma: elas questionavam tudo, quando não entendiam pediam explicação, procuravam mais informações e traziam para a aula, as discussões e debates eram incríveis. O que me faz questionar a validade do ensino noturno, sempre questionado principalmente pela inviabilidade da realização de estágios, mas isso não significa sua condenação completa.

O fato foi que a Habilitação para o Magistério no noturno foi fechada e eu precisava pedir remoção. Visitei várias escolas que ofereciam essa modalidade de ensino no município e descobri que todas estavam entrando num processo de fechamento, restando duas escolas: o CEFAM e o CENEART com a HEM, isso foi em 1996. O CEFAM possuía um processo de atribuição de aulas diferente, não eram admitidos professores efetivos, os professores eram contratados conforme o projeto que apresentavam. Eu era professora efetiva, fui para o CENEART. Lá encontrei boas vindas e reservas, professores que tinham sido meus professores e me causavam medo e professores novos que me acolheram.

Como efetiva tinha o direito de escolher as aulas primeiro, acabei tirando aulas de professores que trabalhavam com certas disciplinas a “centenas de anos”. Recebi boicotes, os alunos me questionavam a cada aula se eu manteria os conteúdos a serem trabalhados, se eu era capaz de trabalhar com os materiais concretos (dourado, cuisenaire, etc.). A professora coordenadora queria ver meus planos de aula, questionava que os alunos não estavam lendo,

colocava que eu não era capaz de trabalhar como a professora antiga. Creio que meu pedacinho no céu já está garantido. No final do ano, pelo menos as alunas, me pediram desculpas, elas não tinham sido justas porque ouviram muitas coisas.

Pouco a pouco conquistei meu lugar no grupo, principalmente quando entrei no projeto interdisciplinar do curso. Trabalhei com as mais diferentes disciplinas até 2004 quando o curso foi fechado.